

18. A oração de Cristo e a nossa unidade

Se a oração de Jesus coincidia com a sua pessoa e tinha a dimensão infinita do seu relacionamento trinitário com o Pai, então, à luz da oração de Jesus, compreendemos o que também nós devemos entender a nosso respeito, a nossa natureza e vocação, o que somos e aquilo a que somos chamados a sermos. Então, é importante *escutar* a oração de Jesus, meditar as palavras e as intenções que ele colocou em sua oração. Realmente, compreendemo-nos a nós mesmos se nos deixarmos descrever e mudar naquilo que por nós e conosco, Jesus pede ao Pai.

E é aqui que a oração sacerdotal, que eu prefiro chamar de "oração filial", do capítulo 17 de São João é particularmente preciosa. Porque nela Jesus pede ao Pai que os discípulos sejam um como o Filho e o Pai são um. Jesus pede que nós entremos juntos, unidos à Ele, na comunhão da Trindade. Deste modo, Jesus descreve e define a nossa vocação no pertencer à Ele. Podemos tornar-nos verdadeiramente nós mesmos, podemos entrar na plenitude da vida que Cristo tornou possível para nós com a Cruz e a Ressurreição, se nos abandonarmos àquilo que por nós o Filho pede ao Pai.

Então, o que pede Jesus em sua intensa oração sacerdotal e filial, prelúdio de todo o mistério pascal?

Em síntese, Ele pede que todos os discípulos e graças à eles, o mundo inteiro entre com Ele na eterna comunhão com o Pai, no "ser UM" do Filho com o Pai no Espírito Santo.

A oração de Jesus coincide com essa eterna comunhão de amor com o Pai. Jesus nos faz compreender que com a sua oração Ele quer levar a todos à participação nesta comunhão de amor, que coincide com a vida eterna, como Jesus diz no início da oração sacerdotal: "Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro e aquele que enviaste, Jesus Cristo "(Jo 17: 3).

"Conhecer", em sentido bíblico, não significa apenas "conhecer alguma coisa", como quando afirmamos conhecer uma pessoa, porque sabemos tudo sobre ela, talvez quando todos conhecemos as fofocas sobre ela, ou seja, conhecemos todos os seus defeitos. Em vez disso, biblicamente falando, "conhecer" significa a experiência misteriosa do outro que nos é dada pelo amor, a possibilidade de conhecer o outro com o coração, como Deus nos conhece (cf. 1Sm 16,7). Pedindo este conhecimento do Pai e do Filho para nós, Jesus pede para nós a comunhão do amor eterno entre o Pai e o Filho, isto é, pede o dom do Espírito Santo. Portanto, a oração de Jesus quer nos introduzir nesta relação única e eterna de amor, que é precisamente a Unidade trinitária entre o Pai e o Filho. Toda a mística cristã está contida nessa experiência. "Contida" de certa modo, porque é essa experiência sem limites e fronteiras que "contém" toda a mística cristã. Os místicos, de fato, dizem que "se perdem" nessa experiência.

Mas esta oração de Jesus que pede tudo por nós, que nos abre à experiência infinita da comunhão da Trindade, implica em um aspecto que para nós é uma condição para podermos entrar nesta experiência infinita e eterna: a nossa unidade, a unidade entre nós, a unidade dos discípulos. É aqui que se percebêssemos o aspecto dramático da oração de Jesus ao Pai. Percebemos que se Jesus pede que sejamos "um" como o Pai e o Filho são UM, isso implica que essa graça, essa experiência eterna e infinita, pela qual Jesus oferece toda a sua vida, nós poderíamos recusá-la, poderia não ser realizada por nós. Talvez tenha sido essa possibilidade que tornou a oração de Jesus no Getsêmani não só dramática, mas também angustiada. Porque Jesus morreu na Cruz para dar à humanidade inteira a vida eterna na Comunhão Trinitária, e no Getsêmani a tentação que Jesus experimentou foi provavelmente a de sofrer e morrer em vão, isto é, dar aos homens um dom que eles poderiam recusar. Porque a vida eterna na Comunhão Trinitária é uma vida de puro amor, e o amor só é possível se for livre. É por isso que a questão essencial de Jesus no capítulo 17 de João não é tanto convencer o Pai a dar a vida eterna ao mundo, porque isso o Pai decidiu e desejou desde toda a eternidade, até enviar seu próprio Filho para morrer por nós. A questão essencial de Jesus é que no mundo exista uma realidade que torne a Trindade visível e atraente, o infinito amor da Comunhão trinitária. Jesus pede que no mundo haja a mesma Comunhão trinitária à qual Deus quer atrair toda a humanidade. Que no mundo haja um sinal vivo e real da Unidade entre o Pai e o Filho, para que "o mundo creia" (17,21), para que o "mundo reconheça" (17,23) esse amor que também é para ele, que é para todos, e assim, cada pessoa, livremente possa acolher em Cristo o amor que nos faz filhos de Deus.

Por isso que a grande oração de Jesus, ardendo desta paixão de salvação para todos, em última análise, pede apenas uma coisa: a unidade dos discípulos, a comunhão fraterna dos discípulos. Na oração sacerdotal é como se a unidade dos discípulos fosse o coração da questão, porque é a realidade suspensa entre a liberdade de Deus e a liberdade do homem. Por um lado, há a Trindade, com seu infinito amor que deseja salvar a todos; por outro lado, há a humanidade, o mundo, cuja liberdade se arrisca a não conhecer e, portanto, não aceitar esse imenso dom. No meio, por assim dizer, está a Igreja, o mistério da comunidade dos discípulos, chamados de agir conscientemente como uma ponte entre a liberdade de Deus e a liberdade do mundo, para que possam abraçar-se eternamente.

A comunhão dos discípulos torna-se assim a coisa mais importante do mundo, a coisa mais importante para Deus e para o mundo. Deus sabe, o mundo não; mas nós devemos estar conscientes disso por amor a Deus e por amor ao mundo. Sem a unidade dos discípulos, a humanidade não pode ser atraída pela e para a eterna Comunhão com Deus, para a Comunhão que Deus é na Trindade. E também nós, se rejeitamos entre nós a comunhão em Cristo, também a rejeitamos como vida eterna, como o cumprimento total e eterno de nossa vida.

O que então, eu gostaria de aprofundar com vocês é como São Bento, consciente deste ponto essencial da vida cristã e monástica, gostaria de nos educar a vivermos sempre, até as últimas conseqüências e sem limites esta unidade, esta comunhão.